



**IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
V SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
IV CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

(Direito à cidade)

A produção espaço-temporal do espaço urbano em uma cidade média: A política habitacional em Presidente Prudente/SP

Felipe César Augusto Silgueiro dos Santos¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo compreender o processo de produção do espaço urbano de uma cidade média a partir da relação espaço-tempo. Para isso, utilizaremos das políticas públicas implementadas em Presidente Prudente/SP, localizada no Estado de São Paulo. Para as análises, nos apropriamos de leituras que nos conduzisse a compreender a relação espaço-tempo com a produção do espaço urbano e com as políticas públicas habitacionais. Pela reflexão realizada foi possível apontar que a relação espaço-tempo com a produção do espaço urbano é importante para entender a estruturação urbana das cidades médias brasileiras, principalmente pela intervenção das políticas públicas.

Palavras-chave: Produção do espaço urbano; cidade média; política pública; política habitacional; Presidente Prudente/SP

Abstract: The present work aims to understand the process of production of the urban space of a medium city from the space-time relationship. For this, we will use public policies implemented in Presidente Prudente/SP, located in the State of São Paulo. For the analyses, we appropriated readings that would lead us to understand the space-time relationship with the production of urban space and with public housing policies. Through the reflection carried out, it was possible to point out that the space-time relationship with the production of urban space is important to understand the urban structure of medium-sized Brazilian cities, mainly through the intervention of public policies.

Keywords: Production of urban space; medium city; public policy; housing policy; Presidente Prudente/SP

1. INTRODUÇÃO

Os estudos referentes às cidades médias têm ganhado foco em tempos recentes por conta da expansão significativa que elas têm apresentado, seja pela dinâmica econômica, populacional, de infraestrutura etc.

¹ Estudante de Doutorado, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP - Câmpus de Presidente Prudente/SP, Mestre em Geografia e felipe.cesar@unesp.br



É fundamental compreendermos que as cidades médias são importantes objetos de estudos para entendermos o próprio Brasil. O processo de (re)estruturação urbana que elas passam por conta das dinâmicas de modificação e transformação oriunda da multivariadas de investimentos é fundamental como entendimento desse processo, principalmente por conta dos seus efeitos (SPOSITO, 2007).

Por essa perspectiva, buscamos trazer ao debate a importância de compreender algumas cidades médias brasileiras a partir da análise da produção do espaço urbano, com referência ao espaço-tempo e sua capacidade de entendimento das dinâmicas urbanas de forma escalar e crítica.

Para isso, é de fundamental relevância que possamos entender que analisar um contexto pela ótica do espaço-tempo é observar de forma não-linear e escalar, para contribuir com o debate e possibilitar reflexões e compreensões da dinâmica urbana e como esta é influenciada, principalmente pelo sistema capitalista de produção.

Para esse objetivo, construímos o seguinte texto a partir de dois pontos, além dessa breve introdução e sua consideração final. Tal estrutura busca apenas contribuir com a discussão que aqui fazemos, tentando direcionar a observação do leitor para nossa proposta de debate, mas também como reflexão.

Partindo do princípio do debate, iremos contextualizar uma análise referente a relação espaço-tempo com a produção do espaço urbano e tentar trazer um esforço metodológico de análise que permita e possibilite novas reflexões voltadas a compreender as dinâmicas urbanas nas cidades, principalmente as médias, de forma a trazer elementos fundamentais para a compreensão de como a reflexão espaço-temporal é importante para observar as cidades contemporâneas.

Posteriormente falaremos da cidade média do Estado de São Paulo conhecida como Presidente Prudente/SP e como a dinâmica habitacional foi importante no processo de expansão territorial urbana da mesma, trazendo elementos que permitam refletirmos sobre como ela se estabeleceu em uma rede urbana e se configurou mediante políticas habitacionais.

Ao final traremos uma breve consideração final como forma de trazer alguns pontos que permitam que o debate não se esgote e que possibilite novas reflexões e ideias sobre os temas aqui apontados.

2. DESENVOLVIMENTO

A relação espaço-tempo e a produção do espaço urbano: Um esforço metodológico



Relacionar espaço-tempo com a produção do espaço urbano demanda uma série de reflexões voltadas a compreender como ambas dimensões possuem interações para entender as dinâmicas que as cerca, mas principalmente para enxergar como as cidades atuais estão evidenciadas nessas visões.

Partiremos do princípio de entender a relação espaço e tempo em dimensões separadas, para posteriormente entendê-las de forma conjunta, assim como faremos também com o espaço e o urbano.

Para entender o espaço nos basearemos na concepção de Santos (2006, p.39) do que seria o espaço: “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

Sendo o espaço com a possibilidade plural de relações estabelecidas pelo sistema de objetos e sistema de ações, compreende-se que sua constituição está pautada nas interações de mulheres e homens com os objetos que estão presentes na dimensão espacial, que produzem o espaço por meio da ação de cada uma dessas e desses.

Ao apontarmos tal reflexão queremos intentar que o espaço é produzido pelas dinâmicas humanas e sociais que se inter-relacionam em uma dimensão espacial e que produzem este, e que qualquer interferência será também responsável por produzir esse espaço.

Quando dizemos que tal interferência possui capacidade de modificar o espaço, queremos pensar que as relações estabelecidas no espaço, por qualquer ação nele realizada, possui a capacidade de separar ou unir as pessoas, vide o que é estabelecido atualmente pelas dinâmicas capitalistas, que atuam diretamente para interferir no espaço das mais variadas maneiras, fragmentando realidades e vivências (SANTOS, 2002).

Essa interferência pode ser perfeitamente realizada no tempo, que possui ação direta por temporalizar ou periodizar o espaço. Salvi (1993, p. 52) nos traz uma reflexão dessa atuação do tempo: “O tempo é uma realidade objetiva, que independe da consciência humana, possuindo propriedades mensuráveis. É unidimensional e irreversível, movendo-se do passado ao futuro e jamais regressando ao passado novamente.”

Quando falamos do tempo é o tempo além do que é contabilizado no relógio e sim o que é observado pelo cotidiano e vivenciado da mesma forma. Pautar o tempo somente pelo que é apontado pelo relógio, que seria uma forma de “controlar” o tempo, nos faria perder o objetivo de compreender essa proximidade do espaço e do tempo com as dinâmicas do dia a dia de cada cidadina e cidadão.

O tempo é linear das ações que nele ocorre servindo como base para entender o que acontece no cotidiano. Dissociá-lo da relação com o espaço é simplesmente ignorar que



ambos se complementam, de forma a permitir que as interações humanas produzam um espaço em relação ao outro, ou seja, espaço e tempo não são dimensões separadas, onde o que acontece em um está inteiramente ligado ao outro (SALVI, 1993).

Logo, espaço-tempo são assim reflexionados para que possam ser instrumentos de análises das dinâmicas ocorrentes. Entender o que ocorre nas dinâmicas urbanas, por exemplo, demanda uma análise de todo o contexto, principalmente no que se refere a analisar como uma cidade, seja metrópole ou média, se estabeleceu em uma rede urbana e como se estruturou.

Deste modo a ferramenta espaço-tempo também permite compreender a produção do espaço urbano. Lefebvre (2008, p. 84) ao caracterizar o urbano aponta que:

O urbano se distingue da cidade precisamente porque ele aparece e se manifesta no curso da explosão da cidade, mas ele permite reconsiderar e mesmo compreender certos aspectos dela que passaram despercebidos durante muito tempo: a centralidade, o espaço como lugar de encontro, a monumentalidade e etc

Para o autor o “urbano” seria uma adjetivação dada para entender a dinâmica da cidade e não de sua população. O termo funciona como base para compreender quais as relações, interações, transformações e modificações que ocorrem para trazer uma característica à cidade, por isso juntá-la com espaço possibilita uma reflexão mais aprofundada.

Ainda em Lefebvre (2006, p. 84) o autor destaca que “O urbano, isto é, a sociedade urbana, ainda não existe e, contudo, existe virtualmente; através das contradições entre o habitat, as segregações a centralidade urbana que é essencial à prática social, manifesta-se uma contradição plena de sentido”.

Mesmo que o urbano não exista, ele está presente por conta das relações estabelecidas pelas moradoras e pelos moradores das cidades. Entender o que ocorre mediante essas interações é o que urbano busca fazer, por isso que compreender o espaço urbano é mais amplo do que entender somente o urbano.

Pelas análises anteriormente apontadas, o espaço urbano é uma infinidade de interações, dinâmicas e projeções ocorrentes nas cidades que precisam ser reflexionadas para as próprias dinâmicas urbanas. Ao apontarmos tal reflexão, queremos entender como a produção do espaço urbano possui relação com o espaço-tempo e vice-versa.

Para tal ideia, partimos das reflexões trazidas por Sposito (2011) e Harvey (2018; 1992) que compreendem o espaço urbano e o espaço-tempo por óticas distantes e próximas, mas que possuem um fator que interfere em ambos: a mundialização e o desenvolvimento do sistema capitalista

Quando destacamos tal ponto, partimos do princípio que a dinâmica econômica do capitalismo possui uma interferência direta tanto no espaço-tempo quanto na produção do espaço urbano.



Um exemplo próximo é a capilaridade que o capital possui de influenciar dinâmicas cotidianas, já estudada por Hagerstrand ao apontar a dinâmica da Geografia do Tempo. Pautar uma realidade em uma estrutura “adequada” de vivência é se encaixar em uma dinâmica social do tempo, mas também do espaço vivido, onde entendemos que vivenciar o espaço dentro de uma dimensão temporal é conviver com a ideia de contabilizar o tempo para ser produtivo (SANTOS, 2019).

Com isso, temos a ideia de que é fundamental encaixar o tempo nas interações no espaço e isso reflete na dinâmica de produção do espaço urbano. Harvey (2018) ao apontar a “compressão” do espaço-tempo destaca que esse era ocorrido por conta da necessidade de produzir mais e mais que o sistema capitalista precisa.

Tal apontamento denota que o espaço é influenciado não mais pelo meio natural, mas sim pelo meio técnico-científico-informacional, pautado na obsolescência de tudo aquilo que é informatizado e permite o acesso acelerado de informações, demonstrando que o saber dentro de um espaço que demanda um curto tempo para análise é direcionado para uma parcela específica da população (SANTOS, 1993).

Com isso, o acesso a informações variadas dos mais variados tipos de fontes nos permite também obter referências do que é amplamente produzido e que pode ser acessado de forma a consumir uma informação ou produto. Logo, se vivemos em um espaço urbano que demanda cada vez a velocidade de acesso à informação ou a disseminar algo, é passível de entendimento que deslocar pela cidade também se torna um ato necessário e fundamental para participar dessas dinâmicas temporais aceleradas.

Podemos analisar tal apontamento quando entendemos que a inserção do veículo nas cidades em detrimento da substituição da carroça foi praticamente uma revolução no que se refere a possibilidade de poder escoar sua produção, visitar lugares distantes, poder ir trabalhar de forma mais prática e rápida, entre outras situações (SPOSITO, 2011).

Com isso, há o entendimento que o próprio espaço-tempo já não deveria ser entendido mais como aquele antes do sistema capitalista adentrar as vidas dos cidadãos, já que pelo capital, o espaço-tempo é efêmero no que se refere as dimensões sociais, não se reservando só as sociais, como as econômicas (vide as várias formas de pagamento hoje existentes) e as políticas (vide a profusão das *fake News*).

Entender a produção do espaço urbano por essa perspectiva de “compressão” do espaço-tempo em prol da rotatividade que o capital proporciona nos demanda refletir que espaço urbano é esse apresentado para os cidadãos nele residente? Harvey (2018) ao contar a história de John Burrows e sua eminente falência com a vinda das locomotivas de transporte que cruzavam os Estados Unidos escoando as produções agrícolas, evidencia que o capital não reconhece o que é espaço urbano ou sua cidade, desde que possua capacidade para expandir seus lucros com suas ações.



Portanto, o espaço urbano que está inserido na dinâmica do sistema capitalista não é compreendido como um espaço para todos, mas sim como um espaço com “possibilidades” de expansão para alguns em detrimento da falência e do empobrecimento de outros.

E um instrumento que foi pontual nessa nova configuração do espaço urbano, conforme já destacamos, foi o automóvel. Santos (2006, p. 41) faz uma reflexão interessante voltada a entender o uso do automóvel na sociedade:

O automóvel é, para Baudrillard, um dos mais importantes signos de nosso tempo e seu papel na produção do imaginário tem profunda repercussão sobre o conjunto da vida do homem, incluindo a redefinição da sociedade e do espaço. As cidades não seriam hoje o que elas são se o automóvel não existisse. Os homens acabam considerando o automóvel como indispensável e esse dado psicológico torna -se um dado da realidade vivida. Ilusão ou certeza, o automóvel fortalece no seu possuidor a ideia de liberdade do movimento, dando-lhe o sentimento de ganhar tempo, de não perder um minuto, neste século da velocidade e da pressa. Com o veículo individual, o homem se imagina mais plenamente realizado, assim respondendo às demandas de *status* e do narcisismo, característicos da era pós-moderna. O automóvel é um elemento do guarda-roupa, uma quase-vestimenta. Usado na rua, parece prolongar o corpo do homem como uma prótese a mais, do mesmo modo que os outros utensílios, dentro de casa, estão ao alcance da mão.

O autor destaca que o acesso ao automóvel possibilitou que cidadinas e cidadãos pudessem se deslocar cada vez mais longe para os mais variados locais. A inserção do veículo automotor permitiu que elas e eles tivessem o poder, que pudessem estender a sua força no automóvel e se deslocar para onde fosse possível.

Tal situação salientou não só poder deslocar-se pelo espaço urbano como também permitiu que se formasse uma diferenciação socioespacial entre cidadinas e cidadãos, conforme Sposito (2018, p. 319) destaca:

Nesses termos, a individualização não é individualismo, porque não se trata de processos centrados em pessoas, mas na sociedade, na economia e na política. Escolhas espaciais e temporais, referente a onde e quando comprar, não são escolhas pessoais, mas condicionadas por valores e interesses que articulam escalas geográficas que vão da internacional à local. Sem dúvida, o tipo de transporte adotado e o aumento da mobilidade trazida pelos modais individuais refletem e reforçam o que é estrutural no nosso tempo.

Pelo exposto, as cidades contemporâneas são construídas seguindo lógicas pautadas no dinamismo proporcionado pela mundialização do capitalismo, que se apropriou dos meios, como o automóvel, para se impor no cotidiano de cidadinas e cidadãos de forma a condicionar o espaço-tempo delas e deles.

Logo, não somente a dinâmica do dia a dia de mulheres e homens será atingida por essa sistemática capitalista, como o espaço urbano produzido dentro dessa lógica também será afetado e necessitará de observação e compreensão de como uma cidade é projetada para lidar, por exemplo, com a expansão significativa de automóveis nas vias.



Portanto, correlacionar espaço-tempo com o espaço urbano produzido nas cidades contemporâneas suscita entender que as mesmas passam pelo sistema capitalista de forma a acompanhar as intensas dinâmicas aceleradas do capital, que torna obsoleto aquilo que não é encaixado em sua interação, permitindo que as cidades sejam pensadas da mesma forma, seja uma metrópole ou uma cidade média, respeitando suas dimensões.

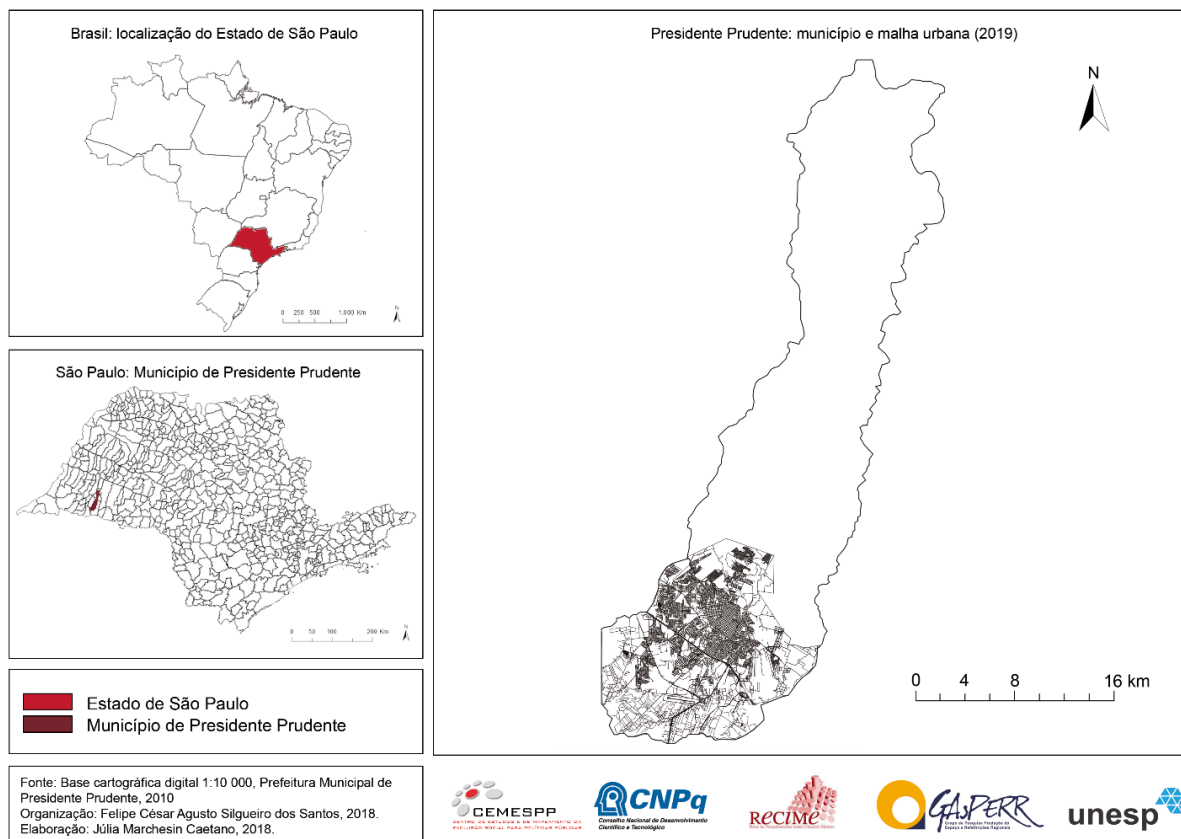
O espaço urbano produzido: A produção habitacional em Presidente Prudente.

Presidente Prudente/SP é uma cidade média do Estado de São Paulo com cerca de 231.953 cidadãos segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Cidades (IBGE/CIDADES, 2021). Possui influência regional por conta da estrutura de comércio e serviços que oferece, sendo foco das cidades do entorno no que se refere à geração de empregos, ofertas de serviços, presença de um setor terciário significativo e comércio bem estruturado.

Esta cidade média tem sua formação histórico urbana pautada no processo de apropriação do solo urbano, com vias de delimitação para posterior venda em lotes que serviriam de base para as primeiras residências da cidade, isso nos anos de 1917, que fomentou um processo de especulação da terra urbana e foi fundamental para o estabelecimento e reconhecimento da mesma como cidade (PEREIRA, 2021).

A figura 1 indica a posição geográfica de Presidente Prudente/SP na rede urbana do Estado de São Paulo:

Figura 1 – Localização do município de Presidente Prudente/SP



Fonte: (SANTOS, 2020)

O município de Presidente Prudente/SP é formado pelos distritos de Ameliópolis, Eneida, Floresta do Sul e Montalvão que compõem a malha urbana desta cidade média.

O Estado possui papel fundamental no processo de produção do espaço urbano de Presidente Prudente/SP por condicionar seu processo de expansão territorial urbana mediante suas ações em âmbito jurídico e institucional, como a regulamentação do perímetro urbano da cidade, o loteamento destinado para os setores privados, como ocorreu nos anos 1950 e a destinação de implementação de conjuntos habitacionais, como ocorreu nos anos de 1970 e 1980 (PEREIRA, 2021).

Nos anos de 1950, Sousa (1993, p. 50) aponta que o processo de formação territorial urbana se dava da seguinte forma:

A década de 50 em Presidente Prudente é marcada pelo início da utilização do sistema de promoção imobiliária para a implantação dos loteamentos. Até então, a ocupação dava-se de forma não mercantil, os proprietários dos terrenos construíam residências ou prédios comerciais sem o objetivo de comercialização e sim para uso próprio. No sistema de promoção imobiliária, o parcelamento do solo, sua comercialização e muitas vezes até a construção do imóvel são realizadas pelo incorporador, a quem cabe a maior parcela de lucro, o que permite a capitalização e novos investimentos, de acordo com as determinações do mercado imobiliário. Este, destina-se a segmentos sociais cuja renda permita o pagamento do valor a mais, o lucro do incorporador.



Em 1950 a produção do espaço urbano da cidade de Presidente Prudente/SP era guiada pelos incorporadores imobiliários, que buscavam o lucro pelo parcelamento do solo e pela construção de residências privadas.

Nos anos de 1960 tal modelo de produção habitacional voltado para um público específico se ampliou com a construção do Parque Continental (Vila Liberdade)². Financiado pelo Banco Continental³ mediante a Poupança Continental, e promovido pela imobiliária local Roque e Seabra, o bairro foi um dos primeiros destinados às famílias de alta e média renda (SANTOS, 2017).

Nos anos 1970, Presidente Prudente/SP teve um forte incentivo estatal para iniciar as primeiras políticas habitacionais voltadas para as famílias de média e baixa renda com a intervenção do Banco Nacional de Habitação (BNH).

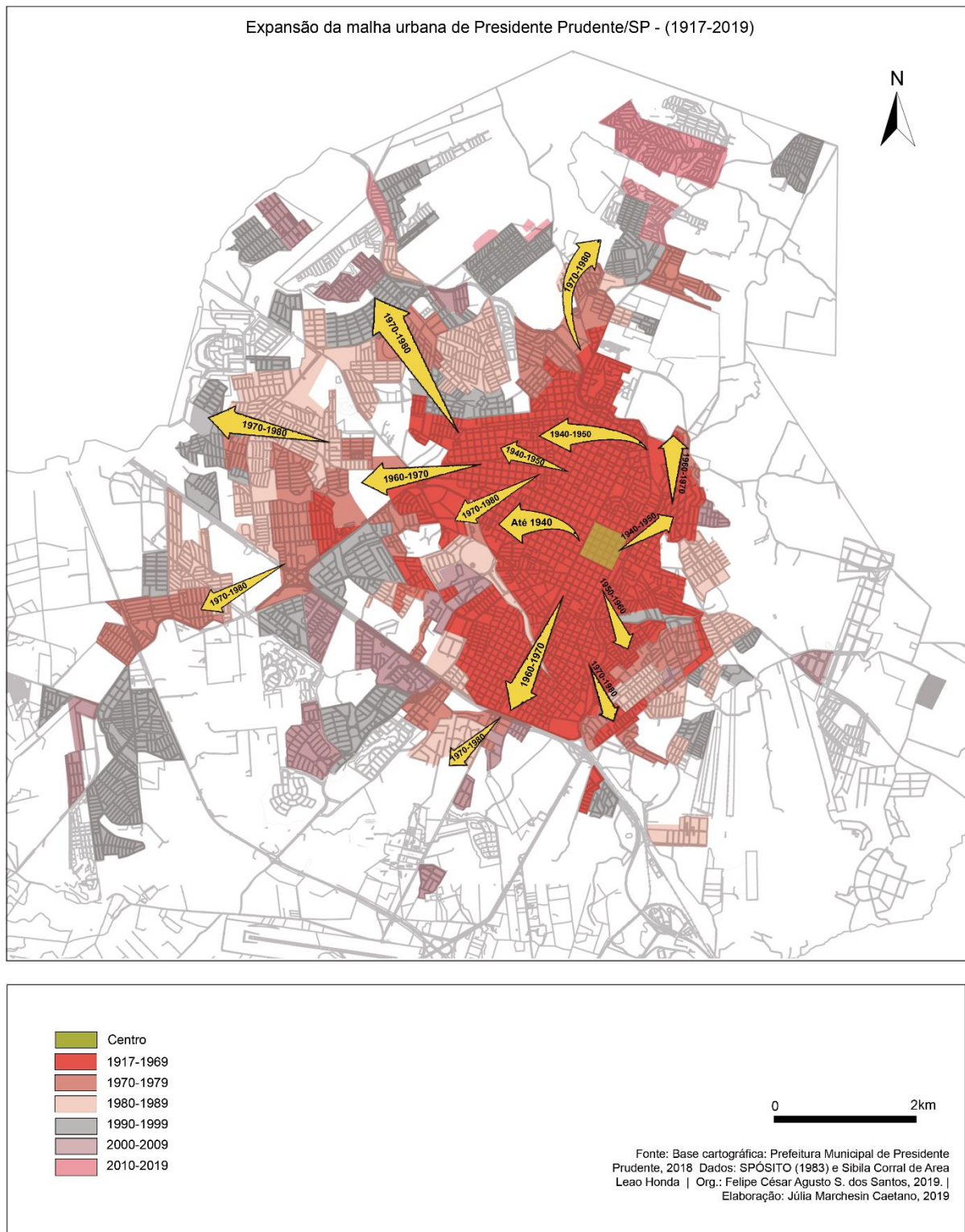
O BNH foi um dos instrumentos utilizados pelo governo federal à época para conter os ânimos da população brasileira, que era contra o golpe militar realizado em 1964. Tal situação agravou questões como a economia do país, que era totalmente desigual e o direito à liberdade de expressão, dentre outras realidades difíceis com relação a atuação de um governo militar no Brasil (CARDOSO, ARAGÃO E JAENISCH, 2017).

Em Presidente Prudente/SP as políticas do BNH foram importantes no que se refere a produção habitacional, mas também no processo de expansão territorial urbana da cidade, conforme podemos observar na figura 2:

Figura 2 – Expansão da malha urbana de Presidente Prudente/SP (1917 – 2019)

² Atualmente é o bairro chamado Jardim Bongiovani localizado na parte sul da cidade média de Presidente Prudente/SP

³ Banco brasileiro que era destinado a abertura de crédito para seus clientes e possuía muitas cartas de poupança voltadas ao financiamento. Foi adquirido em 1998 pelo Banco Bradesco S. A.



Fonte: (SANTOS, 2020)



Pela figura 2 é possível observarmos que em Presidente Prudente/SP houve uma série de vetores de expansão, que permitem compreendermos como esta cidade média se expandiu, principalmente impulsionada pelas políticas habitacionais do BNH. Apontamos para o processo de expansão para o setor Leste e Oeste, que por conta da atuação do BNH, tiveram produções habitacionais significativas, como podemos observar com o Conjunto Habitacional Bartolomeu Bueno de Miranda e suas 1.017 habitações sociais.

Dos anos 1990 até a metade dos anos 2000 a produção habitacional em Presidente Prudente/SP foi bem incipiente comparada aos anos anteriores. Com a crise habitacional em nível nacional, o investimento no setor, tanto nas esferas Federal, Estadual e Municipal, foi praticamente nulo, restando apenas algumas políticas intervencionistas voltadas a promover a autoconstrução, que era desregulada e com muitas questões irregulares latentes (SANTOS, 2020) .

Com uma política chamada Concessão do Direito Real de Uso, a prefeitura municipal da época concedia para moradores antigos de um determinado lote a garantia de posse do mesmo, permitindo que o proprietário construísse e interviesse da forma como achasse conveniente (SANTOS, 2016).

Somente no ano de 2013 é que a política habitacional em Presidente Prudente/SP ganha um novo fôlego, principalmente por conta das ações do Programa “Minha Casa, Minha Vida” (PMCMV). Lançado no segundo mandato de Luís Inácio Lula da Silva, o PMCMV era um grande passo do governo federal em prol da produção habitacional para famílias de baixa renda, mas também uma forma de combater o forte desemprego estrutural do Brasil à época, procurando gerar muitos empregos em muitos setores, principalmente os voltados à construção civil (BONDUKI, 2009)

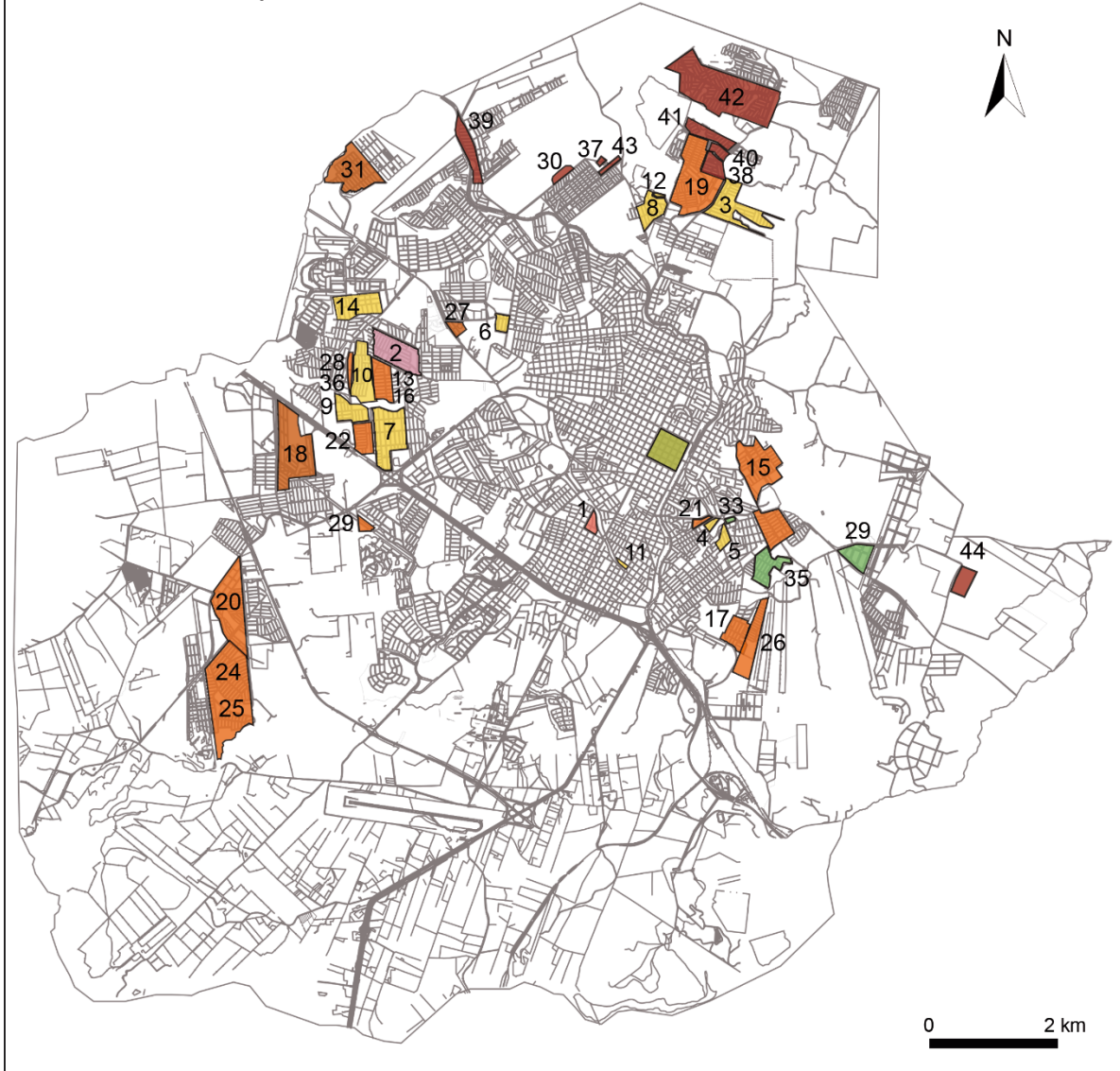
Com o PMCMV Presidente Prudente/SP teve cerca de 4.248 habitações sociais entregues. Em um período de 51 anos de atuação da política habitacional em Presidente Prudente/SP, foram produzidos 44 conjuntos habitacionais, totalizando 14.862 habitações sociais entregues para as cidadinas e cidadãos residentes nesta cidade média.

A figura 3 localiza e espacializa os conjuntos habitacionais:

Figura 3 – Localização dos conjuntos habitacionais de Presidente Prudente/SP (1960 - 2020)



Conjuntos habitacionais em Presidente Prudente: de 1960 a 2020



■ Conjuntos habitacionais 1960 a 1970	■ Conjuntos habitacionais 1990 a 2000	■ Centro
■ Conjuntos habitacionais 1970 a 1980	■ Conjuntos habitacionais 2000 a 2010	
■ Conjuntos habitacionais 1980 a 1990	■ Conjuntos habitacionais 2010 a 2020	

1 Vila Liberdade	14 Con. Hab. Alcides Perez Videna - Pq. Res. Mediterrâneo	24 Ana Jacinta I	34 C. Hab. Ernesto Balotari - Dist. de Floresta do Sul*
2 Bartolomeu Bueno de Miranda (COHAB)	15 Con. Hab. Benedito Aparecido Pereira do Lago - Jardim Itapura	25 Ana Jacinta II	35 C. Hab. José de Souza Reis - Jd. Sumaré
3 Parque Alexandrina	16 Jardim Cambuci	26 C. Hab. Pq. José Rotta	36 C. Hab. AK - Cidade 2000 (vertical)
4 Jardim Santa Marta	17 Núcleo Hab. Francisco Navarro Soller - Jardim Santa Paula	27 C. Hab. Presbítero Joaquim de Oliveira Silva - Jd. Maracanã (vertical)	37 Vila Dignidade
5 Jardim Itatiaia	18 C. Hab. Michel Buchalla - Jd. Vale do Sol	28 C. Hab. "Luiz Bilbeiro" - Cidade 2000 (vertical)	38 Residencial Tapajós
6 Parque Bandeirantes	19 Brasil Novo	29 C. Hab. Eme Antônio Pioch Fontolan (vertical)	39 Jd. Panorâmico
7 Parque Cedral	20 C. Hab. Mario Amato	30 C. Hab. Pedro Cassimiro de Mota (ver.)	40 Bela Vista I
8 Parque Watal Ishibashi	21 C. Hab. Tufi Athia - Sítio São Pedro	31 Res. Maré Mansa	41 Residencial Cremonezi
9 Jardim Jequitibás	22 Jd. Jequitibás II	32 C. Hab. Maria Mendes - Dist. de Eneida*	42 Jd. João Domingos Netto
10 Cidade 2000 CECAP	23 C. Hab. Izidoro Antônio Mauro - Distrito de Montalvão*	33 C. Hab. Diolina Flor do Nascimento (vertical)	43 Conj. Hab. Antônio Manoel da Costa
11 INOCOOP Vila Nova			44 Vida Nova Pacaembu
12 C. Hab. S. Francisco de Assis			
13 Con. Hab. Efigênia Dionísio da Silva			

Fonte: Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, 2018 Org.: Felipe César Augusto S. dos Santos, 2019. Elaboração: Júlia Marchesin Caetano, 2019



Fonte: (SANTOS, 2020)



Podemos observar pela figura 3 que a produção habitacional em Presidente Prudente/SP foi fundamental para que esta cidade média se constituísse e se expandisse em sua área territorial urbana, com a produção de habitações sociais em grande escala, o que causa um impacto significativo na malha urbana da cidade.

Queremos destacar que toda essa produção habitacional foi significativa para a estruturação dos setores de comércio e serviços da cidade média de Presidente Prudente/SP, por conta da necessidade que esses conjuntos habitacionais possuíam de trazer esses setores para as áreas dos conjuntos, principalmente por se localizarem distante do centro principal desta cidade média.

Os setores foram fundamentais para a reestruturação urbana de Presidente Prudente/SP e para sua configuração enquanto cidade média, já que o comércio e os serviços são fundamentais para a sua atuação regional, seja para a oferta de empregos ou para o consumo, possibilitando que eles sejam a principal economia desta cidade média (SPOSITO, 2007).

Portanto é fundamental observarmos que a produção habitacional em Presidente Prudente/SP possui a importância com relação não só a produção do seu espaço urbano, mas também a estruturação enquanto cidade média, principalmente pelo arcabouço que teve que elevar por conta da localização espacializada dos conjuntos habitacionais produzidos, onde destacamos que as quantidades de até 2.300 habitações sociais em um setor desta cidade média possui relevância com relação a organização dos setores de comércio e serviços.

Considerações finais

Compreender os processos de estruturação e reestruturação das cidades médias brasileiras demanda construir as análises pautadas no entendimento não-linear e escalar das relações que são estabelecidas nelas, principalmente pela intervenção do sistema capitalista de produção.

Logo, utilizar da relação espaço-tempo com a produção do espaço urbano é uma metodologia voltada a entender as relações a partir da escala geográfica, relacionando-a com a dinâmica espaço-temporal e sua intervenção no espaço urbano produzido, o que nos demanda ampla leitura sobre como verificar que o espaço é influenciado pelo tempo e vice-versa.

As políticas habitacionais podem assim ser observadas quando utilizamos o espaço-tempo para analisá-las. Tal situação decorre, pois, as políticas são influenciadas pela atuação estatal e possuem capacidade de intervenção na estrutura urbana de uma cidade, seja média ou metrópole, impactando na dinâmica de cidadinas e cidadãos.



Apresentando a cidade média do Oeste do Estado de São Paulo Presidente Prudente/SP, quisemos demonstrar como a ação de políticas públicas, quando analisadas espaço-temporalmente, possuem relação direta com a produção do espaço urbano, assim como possuem influência na questão econômica e social das cidades médias em que são implementadas.

Deste modo, debater a ação de políticas como as habitacionais no espaço urbano de cidades médias é entender que, é fundamental que elas atuem de forma a permitirem a expansão territorial urbana das mesmas e que possam possibilitar oportunidades de empregos para cidadinas e cidadãos, assim como possam usar e utilizar a cidade da mesma forma que outras famílias, principalmente as de alta renda.

Portanto, a análise de cidades, médias ou metrópoles, mediante o contexto espaço-tempo, busca elevar o debate referente a compreensão da produção do espaço urbano das cidades, não só brasileiras como outras do mundo, trazendo exemplos próximos que sirvam de referência para outros textos e debates, não se limitando aqui a encerrar a discussão, mas sim proporcionar os elementos necessários que possam colaborar com outras ideias e reflexões sobre o tema, acentuando a capacidade que a relação espaço-tempo possui com a produção do espaço urbano, neste caso, com uma cidade média brasileira.

Referências bibliográficas

BONDUKI, Nabil. Do Projeto Moradia ao Programa Minha Casa, Minha Vida. **Teoria e Debate**. v. 82, 2009.

CARDOSO, Adauto Lúcio, ARAGÃO, Themis Amorim, JAENISCH, Samuel Thomas. Vinte dois anos da política habitacional no Brasil: Da euforia à crise. In:_____. (org). **22 anos da política habitacional no Brasil: Da euforia à crise**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017, p. 15 – 48.

LEFEBVRE, Henri. A cidade e o urbano. In:_____. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2008, p. 79 – 88.

HARVEY, David. La construcción social del espacio y el tiempo. In:_____. **Justicia, naturaleza, y la Geografía de la diferencia**. Traficantes de sueños, 2018, p. 273 – 314.

_____. A experiência do espaço e do tempo. In:_____. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Editora Loyola, 1992, p. 185 – 276.



PEREIRA, Claudinei da Silva. A produção do espaço e da morfologia urbana em Presidente Prudente/SP. **Revista Caminhos da Geografia**, v. 22, n. 83, p. 200 – 218, 2021.

SALVI, Rosana Figueiredo. **Estudo do tempo na Geografia Humana Brasileira como categoria de método**. 1993. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (FFLCH – USP).

SANTOS, Milton. O espaço: sistema de objetos, sistema de ações. In:_____. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 38 – 53.

_____. O presente como espaço. In:_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: EDUSP, 2002, p. 13 – 51.

_____. A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In:_____. (org.) **O novo mapa do mundo: fim do século e globalização**. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1993, p. 1 – 10.

SANTOS, Felipe César Augusto Silgueiro dos. **O espaço-tempo das políticas habitacionais em Presidente Prudente/SP**. 2020. (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP)

_____. O estudo do tempo na atualidade: Uma análise crítica. **Revista Geografia em Atos**. v. 3, n. 10, p. 73 – 88, 2019.

_____. Presidente Prudente/SP 100 anos: Uma análise no espaço-tempo a partir da política habitacional. **Revista Geografia em Atos**. v. 1, n. 05, p. 1 – 15, 2017.

_____. **Espaço, tempo e contradições: Do Banco Nacional de Habitação ao Programa Minha Casa, Minha Vida em Presidente Prudente/SP**. 2016. (Bacharel em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP).

SOUSA, Sílvia Aparecida de. Políticas de Estado e a questão da moradia em Presidente Prudente. **Caderno Prudentino de Geografia**. n. 5, p. 28-59, 1993.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (2018) O espaço e o tempo como continuidades e descontinuidades geográficas. In: SERPA Angelo, CARLOS Ana Fani Alessandri (orgs.)



Geografia Urbana: Desafios teóricos contemporâneos. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 307 – 322.

_____. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana. Fani. Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.** São Paulo: Contexto, 2011, p. 123-145.

_____. Cidades médias: Reestruturação urbana e reestruturação das cidades. In: Sposito, M. E. B (comp). **Cidades médias: espaços em transição.** São Paulo: Expressão Popular, 2007, p: 233 – 253.